**CAMINHOS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO CIENTÍFICO NO ÂMBITO ESCOLAR A PARTIR DA INTERDISCIPLINARIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Fernando Mattiolli Vieira[[1]](#footnote-1)

Layanne Gomes de Oliveira[[2]](#footnote-2)

Jessyca dos Santos Balduino[[3]](#footnote-3)

Dionilda Pereira de Lima Cordeiro [[4]](#footnote-4)

Programa Residência Pedagógica, curso de História[[5]](#footnote-5)

Universidade de Pernambuco, campus Petrolina

**Resumo:** O presente trabalho tem como intuito abordar as ações e atividades desenvolvidas e as experiências vivenciadas pelos alunos do curso de Licenciatura plena em História que estão inseridos no Programa Residência Pedagógica financiado pela CAPES, com o objetivo do aprimoramento das rotinas pedagógicas por meio de projetos de incentivo a novas práticas do ensino de História na Educação Básica da rede pública de ensino. Durante a nossa atuação na escola-campo EREM – Osa Santana de Carvalho, desenvolvemos atividades com o propósito de estreitar a relação entre a escola e a universidade, que resultassem no desenvolvimento de um espaço científico interinstitucional. Dentre as ações podemos destacar a Oficina de Fontes Históricas, que além de introduzir os alunos na área da pesquisa, proporcionou-lhes o desenvolvimento de novas habilidades. A interdisciplinaridade é uma delas, pois, a partir da pesquisa, os alunos tiveram noção de como os saberes estão entrelaçados, unindo áreas do conhecimento que até então pareciam distantes. Através dessa experiência foi possível perceber novos rumos para o ensino de História na Educação Básica.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade, práticas pedagógicas, espaço cientifico.

**INTRODUÇÃO**

Historicamente, houve avanços e retrocessos nas políticas educacionais em nosso país que refletiram, cada uma a seu modo, na conjuntura social como um todo. Não obstante, a opinião da maior parte dos pesquisadores é a de que em nenhum período da história do Brasil se alcançou um patamar de qualidade suficiente a ponto de haver uma transformação profunda de nossa sociedade. Apontam, em conjunto, que ainda prevalecem problemas crônicos que ainda não foram sanados, tanto na formação de profissionais para atuarem no campo da educação quanto (e principalmente!) no ensino, sobretudo em seus níveis Fundamental e Médio.

Cientes de que essas dificuldades ainda prevalecem e não se caracterizam apenas por aspectos econômicos, mas sociais e culturais, e, pensando em diminuí-las, o Ministério da Educação, por meio da portaria nº 38, de 28 de fevereiro de 2018, instituiu o Programa Residência Pedagógica (PRP). Entre seus objetivos, o primeiro deles é o que mais contribui para o fortalecimento tanto com a profissionalização do professor quanto com o aprendizado dos alunos:

Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias (CAPES, 2018).

O PRP foi disponibilizado para o curso de Licenciatura Plena em História da Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. O coordenador foi o Prof. Dr. Fernando Mattiolli Vieira. Para além da área acadêmica, ele possui muitos anos de experiências em diversos níveis de ensino e programas educacionais, como do Ensino Fundamental até o Ensino Superior em redes públicas e privadas, Educação de Jovens e Adultos (EJA), alfabetização de adultos, educação no ensino prisional, mediador escolar, entre outros. O profissional tem sido de suma importância na realização desse trabalho, visto que está sempre preocupado com o desempenho e recepção dos residentes[[6]](#footnote-6) na instituição de atuação. Também apresenta prontidão em ajudar, auxiliar e orientar os residentes na solução de situações inesperadas no ambiente escolar.

Inicialmente, entre os meses de agosto e setembro de 2018, houve uma preparação teórico-metodológica com o professor coordenador, com reuniões semanais e material complementar (8h/semana) sobre as temáticas que abordaríamos nas atividades que seriam desenvolvidas no PRP. Dois eixos temáticos foram apresentados pelo coordenador, sendo eles: o uso de fontes históricas e os tipos de violências. A priori, decidimos trabalhar com o uso de fontes históricas, que será abordado nas próximas páginas, deixando a temática das violências para o segundo semestre. Essa capacitação foi de suma importância para a análise da instituição e também para o planejamento das atividades que foram realizadas. Já sabíamos, desde o início do PRP, em qual escola desenvolveríamos nosso trabalho: Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) – Osa Santana de Carvalho, localizada no Conjunto Habitacional Massangano, 454, Cohab IV, Petrolina – PE.[[7]](#footnote-7)

A escola está localizada no Conjunto Habitacional Massangano, um dos maiores bairros de Petrolina, com uma estimativa habitacional de 10.279 habitantes (Censo 2010), onde existem mais jovens (19,3%) do que idosos (5,5%). A instituição recebe também alunos de bairros vizinhos, sendo alguns muito carentes de atenção do governo da cidade, logo, os discentes presentes na unidade possuem uma diversidade cultural, religiosa, econômica, social e étnica. A estrutura física da escola apresenta alguns problemas. Apenas algumas salas de aula são climatizadas, com ares-condicionados ineficientes para a quantidade de alunos que cada sala comporta. Em outras, os ventiladores nem sequer funcionam. O refeitório é um pouco descuidado no quesito higiene e durante as refeições dos alunos alguns animais transitam entre as mesas.

Atualmente, a gestora da unidade é Cleoneide Maria Alves Lima, que possui uma postura bastante democrática e participativa, sendo parceira de manifestações locais de cunho político, cultural e religioso. A parceria com a gestão contribuiu bastante com nossa atuação nesse espaço educacional. Os residentes foram divididos em duplas e trios, seguindo a disponibilidade de seus horários. Assim, as residentes Layanne Gomes de Oliveira e Jessyca dos Santos Balduino desenvolveram um trabalho em conjunto com o professor coordenador Fernando Mattiolli Vieira e com a preceptora[[8]](#footnote-8) Dionilda Pereira de Lima Cordeiro. Foi feito um planejamento dos encontros e atividades que iriamos realizar, baseado na realidade escolar e todas as questões necessárias para a projeção das atividades que a partir de olhares múltiplos, nos permitiu lidar com as dificuldades e atingir nossa proposta.

A profissional destinada a atuar como preceptora do PRP nessa escola-campo chama-se Dionilda Pereira de Lima Cordeiro, professora da Rede Estadual de Pernambuco, graduada em Pedagogia e História, especialista em Psicopedagogia, História do Nordeste do Brasil, Tecnologia em Educação e Mestre em Ciência da Educação. Atualmente, ela leciona as disciplinas de História, Direitos Humanos e Projeto de Vida e Empreendedorismo. A professora preceptora tem possibilitado, junto aos residentes, acompanhamento, orientações e mediações na aplicabilidade de práticas pedagógicas. Sua boa atuação dentro da instituição contribuiu também para a participação dos residentes em projetos interdisciplinares, como *Dia da Matemática* com foco na História da Matemática.

Durante o período de visitação na escola, nos dedicamos inicialmente em conhecer os espaços da escola, como se dava a rotina dos estudantes, a relação entre os agentes escolares e o corpo docente com os discentes, a comunidade, os perfis dos estudantes, entre outras coisas. Em seguida, passamos a observar a relação do corpo docente entre si, se havia a realização de projetos e atividades que envolvessem as habilidades dos alunos, e a didática utilizada em sala de aula. Do ponto de vista dos alunos, ficamos sabendo que a disciplina de História era pouco atraente para eles. Ficou bastante evidente, através de nossos diálogos com eles, como os alunos da instituição apresentavam considerável deficiência em relação ao que se constitui como “fonte histórica”. Muitos não sabiam o que era e nem qual a sua finalidade. Ali encontramos a oportunidade para diminuirmos esse abismo, através de oficinas que ofereceriam um conhecimento menos superficial sobre fontes históricas e que aproximaria os alunos à disciplina de História e ao saber científico.

As fontes históricas são uma temática oportuna para discussão, visto que há uma visão que precisa ser desconstruída a respeito desse documento, pois, só é utilizado na maioria das vezes apenas com viés científico no campo acadêmico. No entanto, é preciso entender e pertinente ressaltar a importância do papel da fonte histórica na sala de aula. Para trabalharmos com esse eixo temático proposto pelo PRP utilizamos como suporte ou pedra angular, a obra *Fontes Históricas* organizado pela Historiadora Carla Silvia Beozzo Bassanezi Pinsky.

 Nessa obra a autora apresenta os mais variados tipos de Fontes, assim como, os métodos e técnicas utilizados por historiadores que trabalham com esses diversos tipos de documentos retratado. Logo, a obra foi um suporte para trabalharmos com a fonte e o ensino de história na sala de aula. Visto que é de suma importância mostrar ao aluno como se faz história, não há como exercitar esse processo de ensino sem destinar-se as fontes históricas, desta maneira:

O professor ao se utilizar da fonte histórica não a utiliza como os historiadores na academia, mas com o objetivo de levar o aluno a perceber como se constitui a história, como os conteúdos históricos se contextualizam com essa fonte. A fonte torna-se então, uma ferramenta psicopedagógica324 que poderá certamente auxiliar o professor na difícil tarefa de estimulação do imaginário do aluno na aprendizagem da história. (XAVIER, 2010, p. 641)

Todos os dados colhidos foram de suma importância para a construção do Plano de Atividades, elaborado por todos os residentes presentes nessa escola, entre outubro de 2018 e janeiro de 2019, e deveria se pautar pelas considerações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC é:

Um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2018).

Para pensarmos sobre a formação, utilidade e aplicação desse documento na sala de aula, nos pautamos sobre a leitura de dois textos bases, além do próprio documento: *A base comum curricular: um novo episódio de esvaziamento da escola no Brasil*[[9]](#footnote-9) e *Base curricular nacional: reflexões sobre autonomia escolar e o projeto-político-pedagógico*[[10]](#footnote-10). Através das leituras foi possível perceber como a BNCC se apresenta de maneira controversa para diversos educadores. Embora tenha tido um período relativamente extenso de elaboração, as disposições do documento ainda não são plenamente conhecidas pelos profissionais da Educação, e menos ainda pela população.

Uma das principais propostas da BNCC é auxiliar as escolas na seleção dos conteúdos a serem trabalhados. Uma das inovações trazidas pelo documento é “a significativa alteração nos conteúdos de História, que devido à reorganização, deixa o eixo eurocêntrico e incorpora conteúdos relacionados à História da África e estudos afro brasileiros e indígenas, pautados nas Leis 10.639, de 2003 e 11.645, de 2008.”[[11]](#footnote-11) Embora traga em seu corpo aspectos muito positivos, existe a preocupação:

com os rumos que podem ser tomados com a apresentação da Base Curricular Nacional; se não forem claros os objetivos e a abertura para os pensamentos e posicionamentos de cada escola, corremos o risco de conduzir o ensino somente pelo que foi proposto pelo documento, sem preocupação com a vontade e peculiaridades das instituições educacionais e escolares. (MARSIGLIA, A. C. Galvão. PINA, L. D. MACHADO, V. O. LIMA, M., 2017, p. 329).

Dessa forma, é imprescindível uma atuação do documento em junção com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, que deve ser pensado e desenvolvido coletivamente, desde a gestão até a comunidade, levando em consideração as particularidades da escola.

Levando esse fator em consideração, decidimos atrelar as competências do conhecimento: aprender a ser; aprender a conviver; aprender a conhecer e aprender a fazer, previstas no PPP da escola-campo em que atuamos, com as habilidades previstas na BNCC (2018). Nossa oficina abarcou duas habilidades[[12]](#footnote-12) das competências específicas de Ciências Humanas e Socais aplicadas para o ensino médio, que propõem a comparação de diferentes fontes e narrativas históricas para a compreensão dos processos históricos. E visam utilizar diferentes estilos textuais e tecnologias de forma crítica para que os alunos possam produzir conhecimentos não apenas em suas vidas individuais, mas também coletivas.

**METODOLOGIA**

Pensando na metodologia de aplicação da oficina de fontes históricas em sala de aula e as turmas que deveriam participar, resolvemos dividi-la em duas etapas. A primeira destinada à introdução de conceitos, que nos revelaria o nível de entendimento dos alunos sobre o assunto. Na segunda, mais dinâmica, os alunos colocariam em prática o que foi aprendido na primeira parte e tentariam desenvolver suas próprias pesquisas. Intitulada como “História em construção: Oficina de Fontes Históricas”, foi aplicada nas turmas do 1° ano do Ensino Médio, com duração de 4 aulas.

Nas primeiras duas aulas, fase introdutória do assunto, foram abordadas questões como: a utilização de fontes históricas na construção das narrativas históricas, as mudanças que os métodos de pesquisa sofreram durante o tempo, e como essas mudanças trouxeram não apenas novos tipos de abordagens, e também o uso de novas fontes na História. Com o auxílio de textos teóricos destacamos pontos como o papel fundamental das fontes históricas no ensino, que ao serem utilizadas pelo professor como um mediador entre a produção historiográfica e a prática na sala de aula, podem ser ótimas ferramentas pedagógicas, pois como foi pontuado por Xavier:

As fontes devem assumir um papel fundamental de significação na estrutura cognitiva do aluno: demonstrar as representações que determinados grupos forjaram sobre a sociedade em que viviam como pensavam ou sentiam, como se estabeleceram no tempo e no espaço. Elas devem servir para que o aluno seja capaz de fazer diferenciações, abstrações que o permitam fazer a leitura das distintas temporalidades às quais estamos submetidos. (XAVIER, 2010, p. 1097)

No segundo momento apresentamos aos alunos algumas fontes históricas, incitando-os a identificar possíveis temas de pesquisa a partir do material apresentado. Dentre o material utilizado, levamos imagens e até mesmo algumas páginas da internet, a fim de aproximar a História com a realidade dos jovens. Incentivamos os alunos a questionarem a intencionalidade das fontes, pois como foi salientado por Saviani (2006, p. 30), “[...]se as fontes históricas são sempre produções humanas não se podendo falar em fontes naturais, é preciso distinguir entre as fontes que se constituem de modo espontâneo, comportando-se como se fossem naturais e aquelas que produzimos intencionalmente”.

Introduzimos em nossas falas o historiador e o docente como profissionais que mantém uma relação direta com as fontes. Ressaltando a importância dos questionamentos que o pesquisador deve fazer a seu objeto de estudo, assim como a importância da carga de leitura na elaboração de uma pesquisa. Foi explanado também os processos de uma pesquisa e como ela deve ser elaborada, assim como não há uma ordem exata, pois, a depender da fonte e método escolhido, a durabilidade e rotina da pesquisa podem mudar. Relatamos nossas experiências na pesquisa e diante dessas abordagens conseguimos de algum modo desconstruir essa imagem construídas sobre a História enquanto ciência e as relação dos profissionais da área com as fontes.

**DISCUSSÕES E RESULTADOS**

Para os alunos foi uma experiência satisfatória, pois além de despertar o olhar deles acerca da disciplina também os preparou para o evento que aconteceria na instituição nos próximos meses. Diante dos resultados obtidos com a oficina, recebemos o convite para auxiliarmos o corpo discente da escola na elaboração de pesquisas que seriam apresentadas em banners científicos em um evento que ocorre regularmente na escola, intitulado como: *MIRA - Dia da matemática: na MIRA do conhecimento* (5º edição). Os alunos, sob nossas orientações, pesquisariam sobre a História e o desenvolvimento das Ciências Exatas ao longo do tempo. Logo, eles puderam aproveitar o que aprenderam na oficina e também receberam mais orientações sobre a confecção do material. Com isso foi possível observar como essas ações foram essenciais para a construção de um espaço científico dentro da escola.

Percebemos a importância da construção desse espaço cientifico, como também do desenvolvimento de atividades que visam a interdisciplinaridade, nas declarações de alguns dos alunos que participaram desse processo de construção. Em diálogo sobre o que mudou após o evento, a aluna Ana[[13]](#footnote-13) revelou: “a gente associou a disciplina e conseguiu enxergar que uma mantém uma relação com a outra. A história facilitou a entender a matemática e despertou interesse”. A interdisciplinaridade consegue unificar todas as questões que tecem a educação para a formação do currículo escolar, levando a contextualização, qualificação e fortalecimento do processo de aprendizagem (BRASIL, 2000, p. 75).

A partir da integração ou ligação das disciplinas a partir da mediação dos profissionais da educação, pode ser gerada uma compreensão mais ampla dos conteúdos a serem estudados:

De modo geral, a interdisciplinaridade, esforça os professores em integrar os conteúdos da História com os da Geografia, os de Química com os de Biologia, ou mais do que isso, em integrar com certo entusiasmo no início do empreendimento, os programas de todas as disciplinas e atividades que compõem o currículo de determinado nível de ensino (BOCHNIAK, 1998, p. 21).

Durante a nossa atuação no PRP tentamos ao máximo integrar a ciência da Matemática com a História. Esse foi um exercício na construção de um saber interdisciplinar! A direção da escola reconheceu a melhora na absorção do conteúdo por parte dos alunos, como mencionou a coordenadora pedagógica da instituição Célia Regina: “Com certeza a contribuição dos residentes pedagógicos possibilitou a integração História X Matemática, no fazer interdisciplinar; nesse processo, não tenho dúvidas quanto aos avanços no desempenho escolar dos estudantes”.

A partir do momento que o docente consegue compreender que a interdisciplinaridade é uma forma importante para de trabalho em sala de aula, na qual é possível trabalhar um tema perpassando por diversas disciplinas, o profissional pode entender a proposta dessa metodologia de trabalho. Como afirmam as pesquisadoras Lopes e Frison (2012, p. 3-4):

A interdisciplinaridade é uma temática que é compreendida como uma forma de trabalhar em sala de aula, no qual se propõe um tema com abordagens em diferentes disciplinas. É compreender, entender as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento, unindo-se para transpor algo inovador, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado. É a busca constante de investigação, na tentativa de superação do saber.

No entanto, é preciso enaltecer que a interdisciplinaridade não é uma simples deslocação de conceitos e métodos. É mister mencionar a afirmação do filósofo Jayme Paviani (2008, p. 41), acerca do conceito em discussão:

a finalidade da interdisciplinaridade é de ampliar uma ligação entre o momento identificador de cada disciplina de conhecimento e o necessário corte diferenciador. Não se trata de uma simples deslocação de conceitos e metodologias, mas de uma recriação conceitual e teórica.

Pautados nisso, abraçamos o projeto com o propósito de contextualizar a disciplina de História na proposta temática do evento. A professora Marcia Poliana da Silva, responsável pelo evento, nos propôs uma reunião para a apresentação do projeto. O encontro aconteceu no dia 7 de maio, onde conhecemos a estrutura do evento e foi possível identificar de que forma poderíamos dar nossa contribuição. Ficando definido que cada grupo de residentes ficaria responsável por orientar grupos de alunos de uma respectiva série nas produções das pesquisas, construção dos banners e apresentação dos trabalhos.

Cada turma teria um papel diferente para nas produções. Trabalhariam da seguinte maneira: a primeira série do Ensino Médio, analisar algumas contribuições para a Matemática de algumas civilizações da Antiguidade, de acordo com as diretrizes da turma; a segunda série do Ensino Médio iria trabalhar com os filósofos matemáticos, dando destaque ao contexto histórico, a vida e a obra dos intelectuais, focando no aspecto histórico da Matemática e a terceira série do Ensino Médio ficou encarregada de tratar a História do Brasil Colônia até os dias atuais, utilizando gráficos e tabelas nas questões econômicas de cada período, relacionando a História com a prática da Matemática.

Tivemos uma certa dificuldade com os terceiros anos, pois, eles eram os únicos que não utilizariam matemáticos e filósofos e suas contribuições, mas, sim conteúdos sobre a História do Brasil, desde a Colônia até os dias atuais. E como esses discentes não passaram pela oficina de Fontes Históricas, e o tempo e o calendário da escola não permitiam a aplicabilidade de seu conteúdo (achamos mais viável trabalhar essas dificuldades durante as reuniões de orientação). Devido as dificuldades apresentadas e a temática deles ser voltada para a História (visto que ainda teriam que fazer uma ligação com a matemática), sugerimos a seguinte solução: que o conteúdo sobre a Matemática fosse apresentado em banners, por meio de gráficos e tabelas, já que pontos como Sociedade e Economia deveriam ser abordados nas pesquisas.

No primeiro encontro com os alunos, explicamos como a pesquisa seria feita, e alguns deles se mostraram receosos, como é denotado na fala da aluna Maria “... a gente tinha que fazer uma coisa perfeita, a gente não tinha muito uma noção de como fazer isso, porque a gente nunca fez isso”. As orientações foram essenciais para descontruir esse medo e quebrar com o mito de um saber acadêmico inalcançável. Sobre as orientações, Maria revelou: “a gente teve muita ajuda, os meninos ajudaram bastante a gente com o assunto, como a gente ia fazer a arte, como a gente poderia fazer... ajudaram bastante, e a gente pesquisou, foi complicado. Voltou a pesquisa um monte de vez, porque eles achavam as pesquisas rasas, não você não pode colocar isso, e ajeitaram bastante”.

Como pode ser visto na fala acima, as primeiras pesquisas realizadas pelos alunos foram insatisfatórias. Embora alguns deles estivessem no último ano, notamos certa “preguiça” em ler o que pesquisaram e uma falta de preocupação com os sites em que pesquisaram os conteúdos. Então seguimos orientando como as pesquisas deveriam ser feitas. Para tanto, realizamos reuniões semanais com os alunos a fim de desenvolver um trabalho mais aproximado, acabando com suas dúvidas e possíveis medos. Um dos maiores desafios que encontrados foi lidar com alunos de realidades muito distintas, pois enquanto alguns possuíam dificuldades em níveis elevados, outros lidavam tranquilamente com a nova experiência: “O banner foi fácil, a montagem. Analisamos e montamos o texto, foi tranquilo. Foi colaborando bastante na escrita.”[[14]](#footnote-14) Para vencer esse desiquilíbrio, usamos como estratégia a subdivisão dos grupos. Assim, aqueles que sentiam mais confortáveis em escrever trabalhariam na produção do texto, enquanto os demais na pesquisa do material que daria forma a ele.

A culminância do projeto aconteceu no dia 19 de junho, os banners produzidos pelos alunos ficaram expostos no pátio de entrada da escola. Quem fosse prestigiar o evento já teria como primeiro contato as apresentações nos banners:

**Imagem 1-** Alunos da escola EREMPOSC apresentando em banners no evento “Dia da matemática: na MIRA do conhecimento” (5º edição, 2019).



**Fonte:** Acervo dos residentes pedagógicos.

Sobre as apresentações, o aluno Gabriel nos contou:

Na hora da apresentação a gente se sente assim...porque é uma apresentação diferente, é uma apresentação que eu nunca tinha me apresentado daquela forma, assim eu explicando o banner e as pessoas passando e olhando. É, eu nunca também tinha apresentado alguma coisa pra alguém que fosse fora da minha sala, e a apresentação do banner foi assim pra gente e várias salas, entendeu?! Foi uma coisa nova e eu gostei da apresentação, eu gostei do banner também, foi massa a montagem.

Como podemos notar na fala do aluno, o evento mexeu com toda dinâmica da escola, mudando o padrão de apresentações que eles estavam acostumados, permitindo que os alunos também prestigiassem o trabalho de colegas de outras turmas. Além de ser aberto a comunidade, o evento contou com a avaliação de professoras, que passaram em todos os banners fazendo perguntas e dando notas aos trabalhos. No final do evento, foram escolhidos os três melhores trabalhos, a fim de despertar uma competição saudável entre os alunos.

Seguindo a formatação de um evento acadêmico, possibilitamos aos alunos a interação com saberes que até então só seriam aprendidos durante um curso de graduação, e ainda assim nem todos graduandos chegam a ter esse acesso. Tendo em vista as dificuldades que a produção científica vem enfrentando no país, promover tais atividades é mais que inovar nas metodologias de ensino-aprendizagem, é conscientizar os alunos da existência e importância da pesquisa cientifica para o desenvolvimento de uma sociedade, além de dar novos direcionamentos para os alunos que estão concluindo o Ensino Médio, pois:

Já não basta fazermos as antigas distinções entre ciência pura, básica e aplicada, ou entre interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade. Trata-se de assumir um papel diferente em relação ao conhecimento e à formação do educando. Formar pessoas, produzir bens e serviços, criar empregos, são objetivos que estão muito além de um discurso neoliberal pouco sensível aos apelos humanistas de um vasto grupo de atores preocupados com a educação como formação de valores e comportamentos (FERREIRA, 2010, p. 32).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pensando em diversas perspectivas no PRP ao elaborarmos projetos e atividades, buscamos sempre inovar a partir de novos métodos que pudessem estabelecer uma ponte entre o espaço escolar e o acadêmico. Como já foi supracitado nessa composição, dentro dos projetos realizados a Oficina de Fontes Históricas, foi o primeiro vínculo com o universo acadêmico. Nessa atividade os alunos conseguiram compreender como é o trabalho com as fontes e como lidar com tais documentos – inclusive aprenderam também como é o processo de uma pesquisa. Após a aplicação da atividade, fomos procuradas algumas vezes, pois alguns alunos ficaram curiosos sobre a dinâmica empregada, por empregarmos formas que fazem parte do universo deles, como blogs, séries, filmes, jogos, entre outros. Todos estes podem ser utilizados como fontes.

Posteriormente, no projeto do Dia da Matemática, ao realizar atividades de cunho mais científico, eles puderam colocar em prática muito do que aprenderam com as oficinas. Isso facilitou bastante o trabalho deles e o nosso no processo de orientação. Algumas turmas ainda apresentaram bastante dificuldade. No entanto, se fizermos um comparativo geral, a oficina se mostrou proveitosa, visto a realidade anterior da atividade. Recebemos relatos da gestão e do corpo docente da instituição de como foi notório, através das atividades avaliativas, o desenvolvimento dos alunos. A coordenadora pedagógica Célia Regina nos revelou:

Pude observar que a contribuição da História no projeto do Dia da Matemática deu um novo significado aos conteúdos de matemática; visto que um dos entraves que dificulta a compreensão da matemática é o porquê e a aplicabilidade desse conteúdo na prática. Nesse sentido, o conhecimento da História da Matemática contribuiu para o despertar do entendimento, que se revela em aprendizagem significativa.

 Os alunos também mencionaram como eles conseguiram assimilar e compreender melhor os conteúdos que antes sentiam dificuldade depois do projeto. A aluna Maria salientou: “... me aproximei mais das ciências exatas através da História. O evento mudou a rotina e desempenho da sala”. Ana também nos contou seus sentimentos quanto a participação no evento: “Foi bom pelo fato de nos dar base como vai ser na universidade, o auxilio e orientação foram importantes. Aprendemos o assunto de modo diferenciado, que ajudou no desempenho escolar”. Em resposta sobre as mudanças que aconteceram após o evento, Gabriel fomentou:

[...] se a gente for olhar o lado da pesquisa do conteúdo em si matemática, as mudanças que eu pude compreender foi que a gente teve um melhoramento nas aulas de matemática. Porque assim, é interessante quando a gente for aprender alguma coisa, a gente já vê assim com a fórmula específica. É massa a gente entender como ela foi formada, o processo, porquê que é daquele jeito, porque uma coisa não é à toa, se é daquele jeito é porque teve um processo que veio e estruturou. E esse processo são processo histórico, que vem se formando desde lá atrás, aí vem passando e com o passar do tempo vai mudando e fica também, né? E tem coisas que às vezes podem estar erradas e no passar do tempo pode estar se modificando. E foi isso que eu entendi, que eu pude compreender melhor questões das fórmulas, a estruturação delas, como é que elas são formadas [...].

Como podemos perceber, o corpo docente e o discente se mostraram satisfeitos e felizes com os resultados obtidos.

Partindo das necessidades que sentimos ao avaliar a instituição e seus estudantes, planejamos cada encontro de modo a tentar chamar a atenção dos nossos aprendizes para a disciplina e para esse modelo interdisciplinar de trabalhar. Pois, a interdisciplinaridade no âmbito escolar precisa: “partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários” (BRASIL, 1999, p. 88-89). Como foi mencionado anteriormente os alunos se mostraram mais interessados em buscar conhecimento, o que acabou mudando a rotina daqueles discentes acerca de seus estudos e busca pela aprendizagem.

Sendo assim, após a aplicação dos projetos e atividades planejadas pelos residentes, foi possível compreender como a inovação dos métodos e a aproximação entre a escola e o mundo acadêmico, possibilita uma visão mais ampla e um maior desenvolvimento cognitivo nos aprendizes. Logo, fica um legado da nossa proposta de atuação pedagógica para a escola e, também os resultados obtidos com ela. É válido ressaltar que essas atividades foram desenvolvidas até o final do primeiro semestre do ano letivo de 2019, e que no segundo semestre outras atividades foram desenvolvidas pelos residentes na escola-campo. Contudo, continuamos acompanhando os alunos, afim de perceber como essas estratégias empregadas continuaram a surtir efeito.

**REFERÊNCIAS**

BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento:** interdisciplinaridade na escola. 2 Edição. Editora Loyola. São Paulo, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**: bases legais. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em 29 de outubro de 2019.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio.** Parâmetros curriculares nacional – Ensino Médio, Vol. 1*.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Franzoni, M., 1999.

CÂNDIDO, Rita de Kássia. GENTILINI, João Augusto. **Base curricular Nacional: reflexões sobre autonomia escolar e o Projeto Político – Pedagógico.** RBPAE – V. 33, n. 2, p. 323 – 336, mai. / ago. 201.

FERREIRA, C. A. CARDOSO, Maria Lúcia de Macedo. BRAGA, C. N. PERES, S. O. **Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio.** Rio de Janeiro: Fiocruz-EPSJV, 2010. v. 10000, 238p.

LOPES, Tatiana Bica. FRISON, Marli Dallagnol. **Interdisciplinaridade no ambiente escolar**. IX ANPED SUL: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

MARSIGLIA, A. C. G. *et al*. **A Base Nacional Comum Curricular: Um novo episódio de esvaziamento da escola no Brasil.** Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 9, n. 1, p. 107-121, abr. 2017.

OLIVEIRA, Isolina. COURELA, Conceição. **Mudança e inovação em educação: o compromisso dos professores.** Interações. Minas Gerais, NO. 27, 2013, p. 97-117.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade:** conceitos e distinções. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

PEREIRA, Nilton Mullet. SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula.** Anos 90: Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Epistemologia e teorias da educação no Brasil**. Pro-Posições (Unicamp), v. 18, p. 15-27, 2007.

XAVIER, E. S. **Ensino e História: o uso das fontes históricas como ferramentas na produção do conhecimento histórico**. In: XXII Semana de História da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Os historiadores e suas fontes: Ensino e Pesquisa., 2010, Jacarezinho. Revista Anais Semana de História da UENP. Jacarezinho: UENP, 2010.

1. Prof. Adjunto do curso de História, *campus* Petrolina. Coordenador do Programa Residência Pedagógica em História nessa unidade. [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduando em História, Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduando em História, Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-3)
4. Professora da Escola de referência Osa Santana de Carvalho. Preceptora do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-4)
5. O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). [↑](#footnote-ref-5)
6. Nome dado aos discentes que participam do PRP. [↑](#footnote-ref-6)
7. A instituição recebe esse nome para fazer homenagem a uma professora que semeou o progresso educacional na cidade de Petrolina. [↑](#footnote-ref-7)
8. Nome dado aos professores das escolas-campo que participam do PRP. [↑](#footnote-ref-8)
9. MARSIGLIA, A. C. Galvão. PINA, L. D. MACHADO, V. O. LIMA, M. A Base Nacional Comum Curricular: Um novo episódio de esvaziamento da escola no Brasil. Germinal: Marxismo e Educação em debate, v. 9, 2017. p. 107-121. [↑](#footnote-ref-9)
10. CÂNDIDO, Rita de Kássia GENTILINI, João Augusto. Base Curricular Nacional: reflexões sobre autonomia escolar e o Projeto Político-Pedagógico. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, v. 33, p. 323, 2017. [↑](#footnote-ref-10)
11. MARSIGLIA, A. C. Galvão. PINA, L. D. MACHADO, V. O. LIMA, M. A Base Nacional Comum Curricular: Um novo episódio de esvaziamento da escola no Brasil. Germinal: Marxismo e Educação em debate, v. 9, 2017. p. 327-328. [↑](#footnote-ref-11)
12. As habilidades EM13CHS101 e EM13CHS106 [↑](#footnote-ref-12)
13. Os nomes dos alunos foram substituídos por nomes fictícios. [↑](#footnote-ref-13)
14. Trecho da entrevista realizada com o aluno Gabriel. [↑](#footnote-ref-14)